



***“PARA NÓS HOMENS, O ENGOLIR O CHORO ACONTECE DE FORMA  
INCONSCIENTE”: MASCULINIDADES EM PAUTA NO CICLO DE CINEMA E  
DIVERSIDADE***

***“PARA NOSOTROS LOS HOMBRES, TRAGAR EL LLANTO OCURRE DE  
MANERA INCONSCIENTE”: MASCULINIDADES EN AGENDA EN EL CICLO  
DE CINE Y DIVERSIDAD***

***“FOR US MEN, SWALLOWING OUR TEARS HAPPENS  
UNCONSCIOUSLY”: MASCULINITIES ON THE AGENDA AT THE CINEMA  
AND DIVERSITY CYCLE***

Revista  
**Diversidade**  
e Educação  
Samara Oliveira Silva<sup>1</sup>  
Michele Pereira de Souza da Fonseca<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo analisa as reflexões emergentes no 9º Ciclo de cinema e diversidade, evento de extensão universitária que, em sua edição de 2021, abordou a temática das masculinidades a partir do documentário *O silêncio dos homens*. A pesquisa, de natureza qualitativa, contemplou falas de participantes, evidenciando tensões em torno da masculinidade hegemônica, suas implicações na educação e nos processos de socialização. As análises revelam a ausência de espaços seguros para que homens problematizem padrões normativos, especialmente no campo emocional e nas interseccionalidades com gênero, raça e classe. Ao situar essas discussões na interface entre Educação Física e estudos de gênero, o artigo aponta a urgência de práticas educativas críticas, inclusivas e emancipatórias. Conclui-se que o Ciclo de cinema e diversidade constitui um espaço formativo coletivo, que se move a fomentar diálogos e desconstruções necessários à superação de modelos excludentes de masculinidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** masculinidades. inclusão. interseccionalidade. extensão universitária.

<sup>1</sup>Mestre em Educação Física (PPGEF-UFRJ). Integrante do LEPIDFE. Professora da SME-RJ. Rio de Janeiro-RJ. Brasil.

<sup>2</sup>Doutora em Educação (PPGEF-UFRJ). Coordenadora do LEPIDFE. Professora da EEFD-UFRJ. Rio de Janeiro-RJ. Brasil.

## RESUMEN

Este artículo analiza las reflexiones surgidas en el 9º Ciclo de cine y diversidad, un evento de extensión universitaria que, en su edición de 2021, abordó la temática de las masculinidades a partir del documental *El silencio de los hombres*. La investigación, de carácter cualitativo, incluyó las intervenciones de los participantes, evidenciando tensiones en torno a la masculinidad hegemónica y sus implicaciones en la educación y en los procesos de socialización. Los análisis revelan la ausencia de espacios seguros para que los hombres problematizaran los patrones normativos, especialmente en el ámbito emocional y en las interseccionalidades con género, raza y clase. Al situar estas discusiones en la interfaz entre Educación Física y estudios de género, el artículo señala la urgencia de prácticas educativas críticas, inclusivas y emancipadoras. Se concluye que el Ciclo de cine y diversidad constituye un espacio formativo colectivo, que promueve diálogos y deconstrucciones necesarias para superar modelos excluyentes de masculinidad.

**PALABRAS CLAVE:** masculinidades, inclusión, interseccionalidad, extensión universitaria.

## ABSTRACT

This article analyzes the reflections emerging from the 9th Cinema and diversity cycle, a university extension event that, in its 2021 edition, addressed the theme of masculinities through the documentary *The Silence of Men*. The research, of a qualitative nature, included participants' statements, highlighting tensions around hegemonic masculinity and its implications for education and socialization processes. The analyses reveal the absence of safe spaces for men to problematize normative patterns, especially in the emotional domain and in intersectionality with gender, race, and class. By situating these discussions at the interface between Physical Education and gender studies, the article emphasizes the urgency of critical, inclusive, and emancipatory educational practices. It concludes that the cinema and diversity cycle constitutes a collective formative space that fosters dialogues and deconstructions necessary to overcome exclusionary models of masculinity.

**KEYWORDS:** masculinities, inclusion, intersectionality, university extension.

\*\*\*

## Introdução

Em tempos marcados por crises sociais, retrocessos políticos e disputas em torno de direitos historicamente conquistados, a universidade pública reafirma seu papel como espaço de produção de conhecimento, resistência, insurgência e transformação social. Nessa direção, a extensão universitária emerge como prática potente para aproximar saberes acadêmicos e experiências comunitárias, tensionando desigualdades e promovendo diálogos plurais. É nesse contexto que se insere o Ciclo de cinema e diversidade, iniciativa que, ao articular arte, educação e reflexão crítica, busca problematizar as diferentes formas de exclusão e opressão presentes na sociedade, ao

mesmo tempo em que amplia horizontes para pensar processos inclusivos de forma interseccional e emancipatória.

O Ciclo de cinema e diversidade é um evento de extensão realizado anualmente desde 2013, organizado pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar (LEPIDEFE), vinculado à Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD-UFRJ), e tem como objetivo fomentar debates entre os(as) participantes, partindo de documentários, filmes e/ou curtas acerca de questões relacionadas a marcadores sociais da diferença, como gênero, racialidade, sexualidade, deficiência, etnia, classe social, religiosidade, aspectos geracionais e suas inúmeras intersecções, atrelados aos processos inclusivos/excludentes.

Com a pandemia do novo coronavírus, embora reticentes sobre o impacto que o evento (que historicamente sempre foi presencial) teria se realizado remotamente, decidimos coletivamente realizar em setembro de 2020 a 8ª edição do evento de maneira remota, abordando o tema feminismos, inclusive, em enfrentamento aos tempos atípicos e conservadores. Neste Ciclo, foram suscitadas questões que nos fizeram problematizar modos de ser e estar no mundo, o que nos levou ao tema masculinidades na 9ª edição ocorrida em setembro de 2021, ainda de modo remoto. Para isso, promovemos dois encontros síncronos no *Google Meet* para espaço de discussões entre os(as) palestrantes e os(as) participantes inscritos(as). Os documentários escolhidos foram *Silêncio dos homens e Bicha preta*<sup>3</sup>. Para este artigo enfocaremos as discussões e reflexões suscitadas durante a exibição do filme “Silêncio dos homens”.

Para refletir sobre a inclusão na educação, temos articulado as contribuições de diferentes autores(as) (Sawaia, 2022; Booth e Ainscow, 2012; Santos *et al.*, 2009; Collins; Bilge, 2021) a fim de concebê-la como um processo amplo, dialético, processual, infundável e interseccional. Tal compreensão articula gênero, sexualidade, racialidade, etnia, classe social, aspectos geracionais, deficiência, entre outros marcadores, concebendo-os não como categorias isoladas, mas como uma rede interseccional que nos permite refletir sobre as complexidades que atravessam os processos educacionais inclusivos/excludentes (Fonseca, 2024).

Zamboni (2014) compreende os marcadores sociais como classificações permeadas por relações de poder em disputa, que situam as pessoas em determinadas

<sup>3</sup> O presente artigo é a parte final de um conjunto de artigos que relatam as experiências no Ciclo de Cinema e Diversidade: masculinidades (Fonseca, et al. 2024; Fonseca; Silva; Moreira, 2023)

categorias sociais. A partir de uma análise interseccional, Collins e Bilge (2021) evidenciam como tais marcadores se inter-relacionam e se afetam mutuamente, produzindo experiências singulares. Assim, concebemos a inclusão de modo amplo e interseccional, não de forma ingênua ou romantizada, mas como luta constante frente às múltiplas formas de exclusão que atravessam as esferas sociais e negam a pluralidade de modos de ser e estar no mundo (Fonseca, 2023).

É necessário, portanto, problematizar a Educação Física, fortemente marcada por influências de interesses militaristas, higienistas, eugenistas e competitivos (Castellani Filho, 1991; Soares *et al.*, 1992). Contudo, em contraposição a essa herança permeada por exclusões, reconhecemos a potência da área como espaço de reflexão crítica sobre questões emergentes no campo educacional e seus atravessamentos. A partir de uma perspectiva inclusiva, torna-se possível tensionar as padronizações que ainda hoje estabelecem modelos fixos e hegemônicos de corpo e comportamento, sobretudo no que se refere às masculinidades.

Diante disso, de que maneira a Educação Física pode se constituir como um espaço formativo seguro, em que as narrativas, anseios e dúvidas dos(as) estudantes sejam acolhidas e legitimadas? Os impactos inclusivos/excludentes presentes na formação nos instiga refletir sobre a formação docente **na e para** perspectiva inclusiva (Fonseca, 2021, p.47-48):

A expressão ‘formação **na e para** perspectiva inclusiva’ justifica-se para afirmar que a preocupação não é só perceber se os estudantes estão sendo formados para lidar com as diferenças em suas ações profissionais futuras, mas também se eles, enquanto seres singulares, são considerados na formação. Nesse sentido, o ‘na perspectiva inclusiva’ significa refletir sobre como se dá a formação dos estudantes com relação aos processos inclusivos e/ou excludentes que permeiam tal curso, considerando necessariamente suas próprias demandas e questões. O ‘**para** perspectiva inclusiva’ significa perceber o reflexo dessa formação inicial nas futuras ações docentes desse estudante em formação.

Fonseca (2023, p.13) diz que “pensar sobre a formação docente **na e para** perspectiva inclusiva não é somente um jogo de palavras, é uma forma de problematizar a formação no sentido de lidar com situações inclusivas/excludentes que aconteçam na escola, na lida com os outros, mas sobretudo como a formação lida conosco”. Essas reflexões, de certa forma, são formas de questionar como a formação nos atravessa, nos transforma e nos convoca a rever nossas ações e percepções sobre o outro.

À luz dessas reflexões, pensar a formação docente em um sentido ampliado é reconhecer que ela envolve pessoas com histórias distintas, corpos diversos, afetos e experiências singulares. Foi nesse horizonte que propusemos trazer a temática das

masculinidades para um evento de extensão no campo da Educação Física, articulando-o aos debates que problematizam as masculinidades hegemônicas e que têm ganhado crescente visibilidade no cenário acadêmico.

A produção científica brasileira sobre masculinidades, ainda que recente, ganha força especialmente a partir das décadas de 1980 e 1990, quando passa a se distanciar de padrões dominantes e opressores. Nesse sentido, apoiamo-nos em Connell (1995), Grossi (2004) e Kimmel (1998) para compreender as dinâmicas das masculinidades, em diálogo com os aportes de Joan Scott (2012) e Brito (2021), situando tais reflexões no campo mais amplo dos estudos de gênero.

Scott (2012) é referência fundamental ao enfatizar que gênero não pode ser reduzido a uma abordagem restritiva centrada nas mulheres. Ao contrário, deve ser entendido de forma relacional, abarcando a complexidade e a instabilidade das categorias homem/mulher, masculino/feminino. Para a autora, a radicalidade do conceito de gênero reside justamente na possibilidade de pensar múltiplas definições e relações entre esses polos, tensionando seus sentidos normativos.

Nessa perspectiva, Brito e Santos (2013) destacam que, na contemporaneidade, os estudos de gênero ampliaram seu escopo, incluindo de forma mais sistemática reflexões sobre os homens e as masculinidades. Tal movimento representa um avanço importante ao contribuir para a disseminação do debate em diferentes campos do conhecimento, afastando-se de uma visão única e homogênea sobre as experiências masculinas.

Connell (1995, p.188) aprofunda essa discussão ao compreender as masculinidades como “[...] uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Assim, pontuamos que no cenário científico as masculinidades são compreendidas de forma plural a partir da perspectiva de gênero, compreendendo sua amplitude e definições (Connell, 1995; Fonseca; Silva; Moreira, 2023). Kimmel (1998, p. 106) também nos convida a refletir sobre essa questão ao dizer que “devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos”.

Sendo assim, entendemos as masculinidades como uma construção social, e nessa perspectiva existem dinâmicas de gênero que apontam relações de dominação e subordinação entre diversas masculinidades (Connell, 1995).

Com relação a essa predominância, julgamos importante a reflexão sobre as masculinidades e suas múltiplas relações de poder, sendo assim, as discussões em torno da masculinidade hegemônica se apresentam também como uma pauta emergencial, pois envolvem compreender as diferentes formas de masculinidades exercidas pelos homens, que contribuem para a manutenção da dominação sobre as mulheres em nossa sociedade (Rodríguez, 2019). Desta forma, considerando a cultura ocidental, Connell (1995) explica que existem outros tipos atrelados à masculinidade hegemônica, que são: subordinada, cúmplice e marginalizada.

À luz desses pressupostos, reconhecemos que a masculinidade hegemônica atravessa a vida cotidiana e as relações sociais, operando como padrão normativo. Nesse contexto, o Ciclo de cinema e diversidade propôs-se a tensionar tal hegemonia por meio da reflexão, da escuta e do acolhimento. Assim, este estudo tem como objetivo analisar e refletir sobre os questionamentos e as percepções dos(as) participantes do 9º *Ciclo de cinema e diversidade*, tomando como eixo a temática das masculinidades, a partir do documentário “O silêncio dos homens”.

### **Caminhos metodológicos**

O presente estudo configura-se como teórico-empírico com abordagem qualitativa, entendida como aquela que “implica, necessariamente, por definição, em entender/interpretar os sentidos e as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco” (Turato, 2003, p.168). Optamos por apresentar, na seção seguinte, o perfil dos(as) participantes e a dinâmica do evento, por entendermos que essas informações fundamentam a análise das reflexões geradas na roda de conversa, ainda que realizada em ambiente virtual, sendo esta inspirada no conceito de círculo de cultura freireano.

Excertos das respostas dos(as) participantes serão utilizados na seção de análise como forma de evidenciar o debate e o diálogo com autores(as) do campo. A identidade será preservada, nomeando-se por exemplo de P.01 M, em que P significa participante, 01 o número elencado na ordem de inscrição para as perguntas e M de mulher e H de homem, conforme se autodeclararam no formulário. Como não tivemos autodeclaração para pessoa trans e somente um preferiu não dizer seu gênero, seguiremos essa



organização proposta, até para que os trechos sejam analisados considerando seus lugares de fala.

Sendo assim, para a análise de dados utilizamos a técnica de Análise Textual Discursiva (ATD). Moraes e Galiuzzi (2007) definem como uma metodologia de análise de dados de natureza qualitativa, que possibilita trabalhar os textos e informações para produzir novas compreensões sobre os fenômenos que pretende investigar, aprofundando com uma análise rigorosa e criteriosa para, assim, “reconstruir conhecimentos existentes sobre o tema investigado” (Moraes; Galiuzzi, 2007, p. 11).

### **Masculinidades em debate: o que os(as) participantes têm a dizer?**

O documentário *Silêncio dos Homens* foi produzido pela plataforma Papo de Homem e é resultado de uma pesquisa com mais de 40 mil pessoas em todo Brasil. O principal objetivo da obra é provocar reflexões sobre masculinidades na contemporaneidade, questionando os “padrões” tradicionais que ainda reverberam no comportamento masculino gerando impactos diretos na saúde emocional, nos vínculos afetivos e na vida em sociedade.

Na dinâmica do Ciclo, os(as) participantes receberam antecipadamente o link para acesso ao documentário, disponibilizado gratuitamente na plataforma *Youtube*. Esse movimento permitiu que cada participante realizasse suas análises previamente e que pontuassem suas reflexões no dia do encontro síncrono. O evento foi dividido em dois momentos: um inicial com as falas dos professores/palestrantes convidados e debate aberto.

**FIGURA 1:** Cartaz de divulgação do evento.



Fonte: As autoras

Nas falas dos palestrantes, o primeiro abordou de forma introdutória a noção de masculinidade e seus impactos nas esferas sociais, articulando com aspectos centrais do documentário, já o segundo palestrante direcionou a discussão com foco mais específico para o campo da educação, sobretudo os impactos na Educação Física escolar, problematizando como as construções sociais das masculinidades afetam diretamente as práxis pedagógicas e as interações entre os(as) estudantes.

O segundo momento foi marcado pelo debate, protagonizado pelos(as) participantes do Ciclo, que a partir da escuta atenta e da fala dos palestrantes, puderam contribuir com suas reflexões e questionamentos referente às masculinidades.

Posto isto, é importante delinear o perfil dos(as) participantes do evento, até mesmo como forma de compreender quem são essas pessoas. Esse recorte nos permite contextualizar os questionamentos levantados durante o debate, evidenciando como as diferentes realidades atravessam a construção das masculinidades no espaço formativo.

Das 44 pessoas inscritas e participantes do evento, 18 se autodeclararam do gênero feminino e 26 do gênero masculino, todos cisgêneros. Nas dez edições anteriores, o público foi majoritariamente feminino; acreditamos que a temática das masculinidades tenha despertado maior interesse entre os homens nesta edição.

Quanto ao perfil, 36 participantes eram estudantes de graduação de instituições como UFRJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Federal do Sergipe (UFS) e Centro Universitário Augusto Motta (Unisum); 2 eram docentes da Educação Básica, vinculados à Prefeitura Municipal de Fortaleza e à Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro; 3 eram estudantes de pós-graduação da UFRJ, UERJ e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); 1 era professora do Ensino Superior do Centro Universitário Brasileiro de Educação (CBM-UNICBE); e 2 não possuíam vínculos institucionais, mas demonstraram interesse pelo tema.

Destacamos como aspecto relevante do formato *online* a possibilidade de participação e aproximação de pessoas de diferentes localidades, o que dificilmente ocorreria se o Ciclo ocorresse presencialmente.

Reconhecemos que discutir masculinidades ainda é um desafio, sobretudo para muitos homens, em razão dos tabus e silenciamentos que historicamente permeiam essa temática. Diante disso, durante o evento buscamos promover uma abordagem inclusiva, sensível e acolhedora, de modo que os(as) participantes se sentissem à vontade para contribuir com suas experiências e reflexões.



Para participar do evento, os(as) interessados(as) preencheram um formulário de inscrição que incluía três questões específicas relacionadas às masculinidades, com o objetivo de estimular reflexões prévias ao encontro: **Pensando no tema do debate, o que você entende por masculinidade? Já reproduziu ou se sentiu na necessidade de ter algum comportamento estereotipado feminino/masculino? Dentro da sua convivência, quais tipos de masculinidades existem? Já parou para pensar nisso?**

Em Aatoria (2024), analisamos de forma mais aprofundada esse momento do evento a partir do formulário de inscrição. No entanto, para potencializar os debates, as questões previamente elaboradas foram retomadas durante o encontro, incentivando os(as) participantes a formular novas perguntas em diálogo com as reflexões suscitadas pelos(as) palestrantes. Esse movimento se constituiu como um ponto de partida, do qual emergiram as seguintes falas:

Confesso que eu nunca tinha feito uma autoanálise sobre isso, assistindo ao documentário percebi que foi uma pena não ter assistido nos anos 90, enquanto era adolescente. (P.01 H)

Eu concordo com o meu colega disse, poderia ter assistido esse documentário antes, ainda bem que tem o Ciclo para oportunizar esse conhecimento e reflexões, na presença de homens, inclusive. (P.03 H)

Realmente eu comecei a pensar sobre isso na pergunta do formulário de inscrição, pra mim esses eventos são de grande importância, até porque muitas pessoas nunca pararam para pensar nas questões aqui levantadas. (P.05 H)

As reflexões acima evidenciam que a maioria dos homens nunca havia refletido criticamente sobre masculinidades. Tal constatação não nos surpreende, uma vez que o tema ainda se configura como um tabu na sociedade (Aatoria, 2024), sustentado por processos históricos e culturais que naturalizam a construção de masculinidades tóxicas.

Sabemos que o debate sobre masculinidades é relativamente recente na sociedade brasileira, tendo ganhado força nos últimos anos com a disseminação da expressão “masculinidade tóxica”, que evidenciou a necessidade de desconstruir formas nocivas de “ser homem” e suas implicações para sujeitos de diferentes idades, raças, orientações sexuais, classes sociais e outras dimensões que atravessam o masculino (Brito, 2021). Diante disso, o que significa “ser homem” no imaginário social? Que expectativas são projetadas sobre os homens?

As falas dos participantes revelam, ainda, um sentimento de culpa, expresso no lamento por não terem tido, em etapas anteriores de suas trajetórias, oportunidades de

refletir criticamente sobre a construção das masculinidades. Esse sentimento aparece com maior ênfase em relação à adolescência, fase em que tais construções estão em formação e, portanto, mais suscetíveis a processos de desconstrução e ressignificação. Ao mesmo tempo, os participantes ressaltam a importância de espaços como o Círculo, que possibilitam o debate sobre temas urgentes a serem problematizados nas diferentes esferas sociais.

Assim, embora muitos não tenham refletido sobre as masculinidades em períodos anteriores de suas vidas, o fato de estarem problematizando o tema no presente representa um avanço significativo. Essa mudança acompanha transformações na percepção social sobre o tema e o crescente interesse acadêmico, evidenciado pelo aumento de produções científicas e pela ampliação de eventos que o abordam (Pamplona; Barros, 2021; Brito, 2025; Brito; Rossato, 2025).

É fundamental ampliar espaços formativos considerados seguros, nos quais estudantes possam se sentir à vontade para compartilhar inseguranças, medos e anseios. hooks (2021, p. 37) avança nessa reflexão ao afirmar que “quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar”. Ou seja, o acolhimento não deve se restringir aos(as) estudantes, mas estender-se a todas as pessoas envolvidas no processo educativo. A fala a seguir convida a refletir sobre essa questão:

Esses espaços não são oportunizados para os homens, nem no papel de pai, nem na questão do que é ser homem, do que é masculinidade. Muito menos com os amigos. Porque se houver alguma pauta sobre masculinidade, entre os homens mesmo, há muita zoeira, são taxados de forma pejorativa, e o assunto não é tratado de forma madura, do jeito que deveria ser tratado. (P.03 H)

Esse excerto evidencia a ausência de espaços seguros que possibilitem aos homens falar abertamente sobre suas experiências e percepções em torno das masculinidades. Essa lacuna revela o quanto ainda é desafiador para muitos expor fragilidades, refletir e compartilhar questões relacionadas à construção de suas identidades. Tal silêncio é reforçado pela forma como o debate sobre masculinidades, muitas vezes, é estigmatizado, dificultando abordagens mais críticas e construtivas.

Diante disso, quando entrelaçamos essas questões à formação, percebemos a urgência em se pensar uma formação docente **na** perspectiva inclusiva (Fonseca, 2021), de modo a possibilitar a criação de espaços de reflexão, inclusive sobre temas ainda tratados como tabus na sociedade. No entanto, isso só acontece quando os(as) estudantes se sentem reconhecidos, considerados e valorizados ao longo dessa trajetória formativa.

Silva e Melo (2021) identificaram que os homens associam questões psicológicas às masculinidades, influenciados por normas culturais que valorizam o controle emocional e a manutenção da “firmeza” diante das adversidades. Nessa perspectiva, reconhecer ou admitir dificuldades configura-se como um dos maiores obstáculos. Essa carência de espaços dialógicos torna-se ainda mais evidente em uma sociedade que historicamente valoriza estereótipos como o do “homem que não chora” ou daquele que reprime emoções, contribuindo para exclusão, silenciamento e isolamento emocional.

A temática da saúde mental masculina, especialmente no que se refere ao cuidado emocional e às formas de lidar com as próprias emoções, emergiu de maneira recorrente durante os debates. Os trechos apresentados a seguir ilustram essa discussão:

Sobre os Jogos Olímpicos, em que a atleta da Ginástica Artística Simone Biles, corajosamente, desistiu de disputar algumas provas por conta da sua saúde mental e emocional. Lembro que diversos comentários foram feitos, sobre se isso tivesse acontecido no Brasil, principalmente para atletas homens. Eu acho que relação que os homens têm sobre saúde é muito materializado na questão do órgão genital, um homem que abrisse mão de uma competição em prol da sua saúde mental, iria ser taxado como covarde, cobrado de que o homem teria que ter “um mental” forte, ser viril, corajoso e participar independente das circunstâncias. (P.05 M)

Acredito que um ponto central que o documentário trouxe à tona foi o fato de que os homens não aprenderam a lidar com as emoções, pelo contrário, aprende a suprimir as emoções. Diante disso, como devemos trabalhar na escola em relação ao emocional dos homens? (P.07 H)

Para nós homens, o engolir o choro acontece de forma inconsciente. Parece ser um mecanismo automático de “fechar o choro” diante de uma situação de emoção. Como que dentro da nossa área, Educação Física, a gente pode trabalhar a questão do emocional masculino que vai desconstruir o modelo de ser homem e vai abrir espaço de masculinidades com “s” para marcar essa pluralidade ser masculino? (P.03 H).

O questionamento levantado por (P.05 M) remete a uma discussão amplamente repercutida no Brasil, especialmente após os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, quando Simone Biles optou por se retirar de algumas provas para preservar sua saúde mental. O caso evidencia a centralidade do debate sobre o cuidado psicológico no esporte e suscita reflexões sobre as diferenças de percepção social quando situações semelhantes envolvem atletas homens. No caso masculino, a manifestação de fragilidade tende a ser ainda mais estigmatizada, por estar atrelada a concepções falocêntricas de virilidade que exigem a manutenção da força, coragem e autossuficiência (Adaíde, 2016). Esse cenário impõe os questionamentos: a que custo se sustenta tal ideal de masculinidade? Até que ponto a insistência em corresponder a esses padrões compromete a saúde mental dos homens?

Os relatos de (P.07 H) e (P.03 H) convergem ao evidenciarem como os homens foram instruídos a “engolir o choro” e a não desenvolver estratégias adequadas para lidar com suas emoções. Ambos destacam a exigência social de reafirmar uma masculinidade associada à força e à contenção emocional. Nesse contexto, emergem indagações: como enfrentar e ressignificar tais construções? Qual o papel da escola no trato pedagógico dessas questões? E, mais especificamente, como a Educação Física escolar pode problematizar as masculinidades e o desenvolvimento emocional dos estudantes?

A preocupação demonstrada pelo participante (P.07 H) materializa o sentido da formação docente **na e para** perspectiva inclusiva (Fonseca, 2021), uma vez que, ao se sentir seguro e perceber que seus anseios e questionamentos foram considerados dentro do contexto do Ciclo, ele passa a refletir também sobre sua ação futura, sobre o papel da escola e como abordar esses assuntos em sua práxis pedagógica futura de forma inclusiva e acolhedora.

Castro (2018) defende o engajamento das escolas nesse debate, afirmando que “precisamos falar sobre formas de combater modelos de masculinidades tóxicas, pois estas não são só prejudiciais às mulheres, elas prejudicam os próprios homens” (p. 77). No âmbito da Educação Física, a área apresenta potencial tanto para reproduzir padrões de masculinidade hegemônica, marcados por influências históricas excludentes (Fonseca, 2023), quanto para fomentar processos de desconstrução e ressignificação desses modelos. Por isso, apoiamo-nos em Fonseca, Silva e Santos (2025, 2023), que compreendem a diversificação de conteúdos como estratégia pedagógica inclusiva para materializar tais questões na prática docente. O objetivo é diversificar as dimensões constitutivas do trabalho pedagógico com os conteúdos, incluindo as tematizações, as abordagens, as metodologias, as avaliações, os materiais utilizados, de modo a favorecer a visibilidade crítica e reflexiva de temas como a masculinidade em diálogo com as realidades dos(as) estudantes.

Nos debates sobre masculinidades, as questões raciais emergem de maneira recorrente (Silva Junior, 2019; Fonseca *et al.*, 2024). No contexto do Ciclo, essa temática reafirmou sua centralidade:

Quando a coordenadora diz que as meninas são mais cuidadas nesse período da infância, depois vêm os meninos brancos, e por último, os meninos negros. Pesada essa constatação, que é uma realidade, e como isso impacta na sociedade hoje. Como que a gente consegue perceber isso? (P.02 H)

Pensando nas masculinidades negras, essa questão me Lembrou das turmas de correção de fluxo, onde a maioria é composta por meninos negros, e as meninas

que participam são aquelas com comportamentos não considerados para meninas, são agitadas. (P.01 H)

Silva Junior (2019) aponta que a masculinidade negra se encontra entre a marginalização e a exaltação, constituindo-se como identidade subalterna em meio a processos excludentes. Esses processos de exclusão, vinculados à racialidade, se manifestam em diferentes etapas da vida, desde a infância à vida adulta e estão frequentemente associados a práticas racistas. No contexto escolar, tais dinâmicas são especialmente visíveis por meio do *bullying* e de outras formas de segregação racial.

Essa problemática evidencia a importância de um olhar interseccional, pois não se trata apenas da condição de ser negro(a), mas da articulação entre múltiplos marcadores sociais que atravessam os sujeitos (Collins; Bilge, 2021). A fala de (P.02 H) é emblemática ao relatar o impacto da constatação de que meninos negros eram os últimos a receber cuidados no ambiente escolar, revelando a persistência de estigmas e hierarquizações sobre os corpos negros.

A reflexão de (P.01 H) destaca como os comportamentos esperados de meninos e meninas são construções sociais que, muitas vezes, operam como mecanismos de classificação e hierarquização no espaço escolar. Para os meninos negros, essa construção se associa ainda a uma posição subalternizada, na medida em que seus corpos e atitudes são frequentemente interpretados como sinônimo de indisciplina, reforçando estereótipos racializados. Já para as meninas, a imposição de um ideal de feminilidade passiva e comportada faz com que qualquer transgressão seja lida como uma inadequação, justificando sua presença em turmas de correção de fluxo. Assim, a articulação entre raça e gênero nesse contexto podem ocasionar processos de exclusão e de marginalização que marcam a trajetória escolar desses(as) estudantes, limitando o reconhecimento de suas singularidades e potencialidades.

Contudo, ressaltamos que pela ótica da perspectiva inclusiva, as diferenças deveriam ser compreendidas como vantagem pedagógica e riquezas para aprendizagem (Candau, 2020; Fonseca, 2014), mas infelizmente, elas continuam sendo silenciadas ou interpretadas negativamente, perpetuando práticas excludentes no ambiente escolar.

Os questionamentos levantados também evidenciam a importância das mulheres como aliadas nas discussões sobre masculinidades:

Percebo que, na maioria das vezes, em eventos ou processos seletivos, principalmente nos debates sobre inclusão e diferenças, seja pela via do gênero, racialidade ou estudos de sexualidade, vejo mais mulheres engajadas. (P.01 H)

Ouvimos muito falar sobre lugar de fala, certo? Mas é extremamente importante ter mulheres somando neste espaço também. (P.06 M)

O relato de (P.01 H) evidencia a predominância feminina no engajamento com pautas sociais, o que pode ser compreendido a partir da própria experiência histórica das mulheres, marcadas por exclusão e marginalização nas esferas sociais. Butler (2003) confirma esse dado ao apontar que, historicamente, as mulheres foram afastadas de espaços sociais, políticos e culturais. Nesse sentido, o envolvimento feminino configura-se como forma de resistência e reivindicação por igualdade e direitos.

Por outro lado, a menor participação masculina nesses debates parece estar associada a construções culturais da masculinidade, que desestimulam os homens a envolver-se com temas considerados “sensíveis”. Esse distanciamento resulta de uma socialização que associa tais questões à fragilidade, reforçando barreiras simbólicas à participação efetiva dos homens em discussões sobre inclusão e diferenças.

A fala de (P.06 M) sintetiza bem esse aspecto, ao ressaltar que a luta em torno das masculinidades deve ser coletiva. Como lembra Freire (2013), “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Assim, o Ciclo de cinema e diversidade busca promover espaços de debate em que diferentes vozes possam somar forças, mostrando que a construção de reflexões críticas sobre masculinidades não é tarefa isolada, mas compartilhada e fortalecida pelo engajamento coletivo.

As masculinidades apresentam múltiplas facetas e possibilidades de análise, o que permite problematizar os diferentes modos como essa construção social se constitui. Uma dessas dimensões se refere aos diferentes tipos de criação entre meninos e meninas. Essas diferenciações, muitas vezes, ocorrem dentro de um mesmo núcleo familiar, revelando formas diversas de socialização que reforçam padrões de gênero e hierarquias entre essas relações. Essas dinâmicas são percebidas na questão a seguir, levantada por um participante:

Sobre a formação masculina, em relação à criação desses meninos por suas mães, como esse problema pode ser tratado e pensado para reflexão das mulheres que criam seus filhos diferentemente das meninas? (P.05 M)

A família desempenha papel fundamental no processo de socialização, constituindo-se como um dos primeiros espaços de produção e reprodução das normas de



gênero. Persiste, na sociedade, a prática de educar crianças a partir de concepções binárias, que estabelecem expectativas distintas para cada sexo. Essa lógica manifesta-se não apenas na forma de criação, mas também em elementos simbólicos do cotidiano, como cores, brincadeiras e brinquedos considerados “apropriados” para meninos ou meninas. Assim, constrói-se desde cedo uma diferenciação que, muitas vezes, assume contornos de oposição e rivalidade, reforçando estereótipos de gênero e limitando as possibilidades de expressão e desenvolvimento infantil.

Nascimento e Trindade (2010) observam que, desde a descoberta do sexo biológico, responsáveis passam a planejar a vida da criança, do espaço físico às características pessoais, com base em concepções de gênero, atribuindo papéis e expectativas diferenciados.

Diante desse cenário, questionamos: como romper com esse ciclo de reprodução de papéis desiguais? Até que ponto é possível formar, de maneira crítica, homens que se reconheçam de forma mais resolvida em relação às suas masculinidades? Essas indagações convidam à reflexão sobre alternativas formativas que promovam uma socialização menos marcada pela rigidez dos estereótipos de gênero, permitindo que meninos cresçam em contextos nos quais diferentes formas de ser homem sejam legitimadas.

### **Considerações finais**

Ao analisar as vozes e reflexões emergentes no 9º Ciclo de cinema e diversidade, buscamos tensionar a masculinidade hegemônica e suas expressões normativas, reconhecendo as múltiplas formas de ser homem em um mundo marcado por desigualdades históricas e estruturais. Situar esse debate na interface entre Educação Física, estudos de gênero e perspectiva interseccional permite compreender que a inclusão não pode ser reduzida a um discurso vazio e ingênuo, mas exige a criação de espaços nos quais diferentes corpos e experiências possam existir e dialogar de forma legítima, segura e crítica.

Mais do que um evento pontual, o Ciclo de cinema e diversidade evidencia o potencial transformador de iniciativas que articulam educação, cultura e interseccionalidade. Ao trazer as masculinidades para o centro da reflexão, sobretudo no campo da Educação Física escolar, mas também com desdobramentos para toda a educação básica e superior, questiona-se a reprodução de estereótipos de gênero e

ampliam-se as possibilidades de práticas pedagógicas capazes de acolher diferentes formas de ser e estar no mundo.

Em síntese, as falas dos participantes revelam um interesse em refletir sobre os tipos de masculinidades presentes na sociedade e em suas próprias experiências. Muitos destacaram sentimentos de medo, dúvidas e insegurança ao se confrontarem com expectativas normativas sobre o que significa “ser homem”. Houve também uma percepção sobre a necessidade de acolhimento e segurança nos espaços de formação, permitindo que pudessem expressar emoções e vulnerabilidades que comumente são silenciadas.

Importante pontuar que, falar sobre masculinidades ainda é um grande tabu em nossa sociedade, e esse silenciamento se reflete também nos espaços de formação docente. Por se tratar de um tema sensível, atravessado por normas sociais historicamente impostas, percebemos algumas resistências, constrangimentos e até mesmo dificuldades de exposição por parte de alguns participantes. Em diversos momentos, foi possível perceber a insegurança em expressar emoções, vulnerabilidades e/ou experiências pessoais relacionadas às masculinidades mesmo em um ambiente construído com o propósito de ser seguro, acolhedor e formativo.

No que diz respeito a formação, percebemos que a esta ainda se apresenta de maneira bastante engessada, muitas vezes alheia às dinâmicas que poderiam favorecer práticas inclusivas e reflexivas. Nesse contexto, a proposta de formação docente **na e para** perspectiva inclusiva se contrapõe a esses apagamentos que por muitas vezes permeiam os ambientes formativos, ao considerar e valorizar as singularidades de cada sujeito. Essa proposição possibilita um olhar mais atento às diferenças e também contribui para a construção de espaços formativos acolhedores.

Salientamos que, a iniciativa de fazer o Ciclo com o tema masculinidades foi muito assertiva, uma vez que, este é o terceiro estudo resultante das discussões produzidas a partir desta edição. Logo, as reflexões não se esgotam aqui, pois ainda existem muitos dados emergentes desse momento que seguem nos instigando pensar e aprofundar essas discussões.

Nesse sentido, ações como o Ciclo de cinema e diversidade configuram-se como um exercício crítico e coletivo de escuta, acolhimento e enfrentamento das exclusões que ainda persistem nos cotidianos educacionais e sociais, reafirmando o compromisso da universidade pública com uma formação crítica e emancipatória e convocando educadores(as) e estudantes (da escola e da universidade) a construírem alternativas para

uma educação inclusiva, plural e atenta às complexidades das relações de gênero na sociedade contemporânea.

## Referências

- ADAID, Felipe. Uma discussão sobre o falocentrismo e a homofobia. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 27, n. 1, 2016. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/123](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/123) Acesso em: agosto/2025
- BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index Para a Inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. LAPEADE, Rio de Janeiro, 2012.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRITO, Leandro. 'Esquerdomacho também tem sentimento': masculinidade, juventude e diferença no movimento estudantil contemporâneo. **Teias (Rio de Janeiro)**, v. 26, p. e90440, 2025.
- BRITO, Leandro; SANTOS, Mônica. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, p. 235-46, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/kWCNMFRrjx6XDq8LZGtRvfS/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: agosto/2025
- BRITO, Leandro; ROSSATO, Bruno. Docência e masculinidades: relatos de si de homens professores da educação infantil. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 19, n. 35, p. 184-204, 2025.
- BRITO, Leandro. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/ cuir/ kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.29, p. 01-14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/79307/46956> .Acesso em: agosto/2025
- CANDAU, Vera. Didática, Interculturalidade e Formação de professores: desafios atuais. **Revista Cocar**, n. 8, p. 28-44, 2020.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- CASTRO, Susana. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Revista Aprender**. Vitória da Conquista, n. 20, p. 75-82, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4552>. Acesso em: agosto. 2025.
- COLLINS, Patricia Hill.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNELL, Raewyn. Políticas de masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725> Acesso em: agosto/2025

FONSECA, Michele Pereira de Souza da. **Formação de professores de Educação Física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão:** reflexões sobre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FONSECA, Michele; BRITO, Leandro; SILVA, Samara; MOREIRA, Fabille. "Ser preto, ser gay, como isso pode?" debatendo masculinidades na formação docente em educação física. **Inter-Ação**, v. 49, n. 3, 2024. Disponível em:  
<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/80595> Acesso em: agosto/2025.

FONSECA, M.P.S. Interseccionalidade e inclusão: um diálogo com os marcadores sociais da diferença. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 46, p. 1-8, 2024. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbce/a/D5XbXgXVZJfCW6Kx9gTVHdq/?lang=pt%E2%80%8B>  
 B Acesso em: agosto/2025

FONSECA, Michele; SILVA, Samara; MOREIRA, Fabille. “Não há masculinidade no singular, somente no plural”: percepções iniciais a partir do ciclo de cinema e diversidade. **O Social em Questão**, v. 1, n. 55, p. 107-130, 2023.

FONSECA, M. Os preconceitos (re)produzidos pela/na escola e a Educação Física Escolar: um debate urgente! **Temas em Educação Física Escolar**, v. 8, p. 1-20, 2023. Disponível em:  
<https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/4051>  
 .Acesso em: agosto/2025.

FONSECA, Michele; SILVA, Samara; SANTOS, Maria Luíza. (Org). **Possibilidades de diversificação de conteúdos na perspectiva inclusiva:** relatos de experiência na Educação Física Escolar. v.1. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2023.

FONSECA, Michele; SILVA, Samara; SANTOS, Maria Luíza. (Org). **Possibilidades de diversificação de conteúdos na perspectiva inclusiva:** um diálogo com os marcadores sociais da diferença na Educação Física escolar. v.02. 2ed. Rio de Janeiro: Sorian, 2025.

FONSECA, Michele. Formação docente em Educação Física na e para perspectiva inclusiva: reflexões sobre Brasil e Portugal. **Revista Aleph**, Nº Especial. p.42-74. Julho, 2021.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Coleção Extensão Universitária; v.7. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GROSSI, Miriam Pillar. A revista estudos feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil. **Revista Estudos Feministas**. v.12, n. especial, p. 211-221, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rrbSFGPBqPmy9nwR4WGtmYr/?lang=pt>  
Acesso em: agosto/2025

hooks, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo, Elefante: 2021.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?format=html&lang=pt>. Acesso em: agosto/2025

NASCIMENTO, Célia Reginal; TRINDADE, Zeidi. Criando meninos e meninas: investigação com famílias de um bairro de classe popular. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 2, p. 187-200, 2010.

PAMPLONA, Roberta; BARROS, Betina. As masculinidades à brasileira: um balanço das produções sobre o tema nos periódicos científicos. **BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 95, 2021. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/115> . Acesso em: agosto/2025.

RODRIGUEZ, Shay. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 276-291, 2019. Disponível em: UM BREVE ENSAIO SOBRE A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA | Diversidade e Educação Acesso em: outubro/2025.

SANTOS, Mônica; FONSECA, Michele; MELO, Sandra. **Inclusão em educação: diferentes interfaces**. Curitiba, PR: CRV, 2009.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

SILVA, Rafael Pereira; MELO, Eduardo Alves. Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4613-4622, 2021.

SILVA JUNIOR, Paulo. Narrativas de adolescentes negros: entre masculinidades, cotidiano escolar e vivências. **Cadernos de gênero e diversidade**, v. 5, n. 2, p. 172-191, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/cgd.v5i2.29259> . Acesso em: agosto/2025.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/15018> . Acesso em: agosto/2025

TURATO, E. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico - qualitativa:** construção teórico metodológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores sociais da diferença. sociologia: grandes temas do conhecimento. **Sociologia**, v. 1, p. 13-18, 2014.

Recebido em setembro de 2025.

Aprovado em setembro de 2025.